

ARTIGOS

JOÃO GRILO: SÍNTESE E TRANSPARÊNCIA DO ANTI-HERÓI POPULAR

Jorge de Souza Araújo
Prof. Adjunto de Literatura Brasileira
do Dep. de Letras e Artes
Doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ

RESUMO - *Estudo das variantes do anti-herói popular, centrado na personagem João Grilo, na literatura de cordel e no Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna.*

ABSTRACT - *This article is a study of the variants of the popular anti-hero, marked in the personage João Grilo who appears in Ariano Suassuna's book, Auto da Compadecida.*

Tomamos João Grilo como anti-herói popular típico por considerá-lo o mais característico de uma faixa da população comum ao Nordeste brasileiro, justamente aquele homenzinho amarelo e cheio de treitas, humano e bom, mas astuto, crédulo, mas não confiado, religioso, mas não carola, místico por respeito ao sobrenatural e herança atávica. Espírito envolvente, conversador, ingênuo e puro, com uma forte personalidade que reivindica para si as várias facetas do gênio simples, arguto e inteligente, Grilo desponta dentre os anti-heróis produzidos pela literatura de cordel como aquele intérprete mais diretamente influenciado pelo meio que o engendrou.

Revelado por trovadores e repentistas, que o fizeram representar o lado mais lírico, irônico e picaresco do modelo heróico cultuado no Nordeste, João Grilo passou a figurar como o próprio mito do homem comum desafortado, sem fronteiras e sem escola formal, ladino por necessidade e sábio por herança ancestral. É esse mesmo João Grilo que a norma literária dita culta vai aproveitar no *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, na figura de um astucioso empregado de padaria que, ao enganar um bispo, um padre, um sacristão, o padeiro e sua mulher, um cangaceiro e até o próprio Diabo (no Nordeste, habitualmente identificado como o Encourado, o Cão, o Satanás, o Lúcifer, o Belzebu etc.), escapa ao fogo do Inferno, alcança as graças do Céu por intermédio da Virgem Maria e volta à

Terra vitorioso dos embates pela sobrevivência material e espiritual.

Auto-identificado por cada leitor do cordel, esse anti-herói realiza o ideário do sofrido e anônimo popular nordestino, aquele que extrai da própria sobrevivência os recursos para vencer não apenas os obstáculos naturais do meio, como ainda os falsos líderes, falsos políticos, falsos religiosos e os poderosos de sempre. João Grilo é o proverbial capadócio, o calpirinha que tudo faz, de modo arteiro, para sobreviver e, sobrevivendo, enganar e ridicularizar os homens, sobretudo os opressores, com suas eternas ambições, seus egoísmos e perseguições aos humildes.

O tratamento aplicado a essa personagem, tanto no folheto *Proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde, quanto no *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, aqui estudados, corresponde à ideologia e psicologia do anti-herói popular, picaresco e satírico. Ambos os tratamentos mostram Grilo como símbolo da luta secular contra a tirania, o arbítrio e a miséria circundantes. No folheto de Athayde, a narrativa é simples e hiperbólica, descrevendo os feitos de um herói que é, todo ele, simbólico da resistência humana às dificuldades gerais do meio. A peça de Suassuna, com diálogos vivos e uma impressionante riqueza de detalhes psicológicos, inclui e refunde toda a sabedoria popular nordestina, a simplicidade no trato com as coisas do mundo referencial e a disposição humana em não deixar-se abater ante forças sociais retrógradas.

1 UM FRUTO DO CORDEL E DO MEIO AMBIENTE

Manifestação espontânea e generosa da alma nordestina, a literatura de cordel incorporou significativa galeria de heróis à cultura popular - desde príncipes com castelos encantados a cangaceiros no Céu, ou políticos e padres, fazendeiros e poderosos ao homenzinho miúdo e impaludado, cômico e picaresco, figura sempre requêstada pelos trovadores em seus folhetos. A forte carga mítica e alegórica com que reveste este (anti) herói - cumulado da experiência vital e dotes espirituosos da humanidade típica do Nordeste - torna a literatura de cordel uma fiel intérprete das aspirações daquela população, mimetizando todo o conjunto de suas crenças, dogmas, costumes e mitos.

Remontando a origens ibéricas, o cordel nordestino encontrou profundas ressonâncias em nossa alma popular. Não apenas assimilada por suas características de poesia de mão, variante da trovadoresca medieval, como também por refundir e recriar tipos e estilos, valorizando os elementos do meio através da fértil imaginação e de uma singular teia de símbolos encontradas em repentistas, violeiros e trovadores, essa literatura serviu ainda como fonte de informação e alfabetização. Estimulando sonho e a fantasia, divertindo, instruindo e atualizando, enfim, a valente e genuína experiência de vida da gente nordestina, o cordel teve decisiva importân-

cia como canal de diálogo e de cultura entre o povo.

Há uma ideologia fundamental na arquitetura desses heróis do cordel. Eles tanto representam a figura social e psicológica do nordestino pobre-ente fundado no fenomenológico e que se alimenta de fantasias e esperanças para sobrepor uma firme determinação às adversidades - quanto os costumes e hábitos de um povo tocado pela mística sebastianista e por estágios ainda primitivos de civilização. O cordel, portanto, representa uma criação complexa e original desse povo, dando corpo às suas dúvidas, sonhos e alegrias e contribuindo para minorar suas angústias materiais, interpretando-lhe o espírito irônico lúdico, fatalista por natureza e fantasista por conveniência social.

Produzida em condições rudimentares de composição tipográfica manual, impressa em folhetos de papel-jornal, a capa ocupada por uma xilogravura em madeira com motivo da história narrada, a literatura de cordel - hoje largamente estudada e discutida por eruditos, serve de base à poesia, à música, ao teatro, ao cinema e a outros setores da atividade artística. Seus heróis realizam a ascensão dos simbolizados, pelo picaresco e satírico, representados na figura ágil de um João Grilo, de um Cancão de Fogo, de um Bastião ou de um Pedro Malasartes. Dessa forma, fazendo rir e gozar dos infortúnios sociais e econômicos, opõe o lado irônico de sua vida, na faceta da quebra de injustiças, à humilhação dos potentados. E faz isso ainda de uma maneira bastante simples: deificando os bons sentimentos, a simplicidade, a generosa e ativa solidariedade humana.

Os anti-heróis dos folhetos, reflexos de uma massa numerosa e anônima, produzidos e consumidos numa extensa faixa geográfica que vai do Pará à Bahia, são, por isso mesmo, simples, despojados de faustos, mas detentores de uma argúcia e inteligência fora do comum. Manifestam-se, em consequência, sobretudo no logro ao patrão, às autoridades, à polícia, aos poderosos e à pequena burguesia urbana do interior. Subvertendo a realidade referencial ou lógica, desestruturam edifícios sociais e arrogâncias políticas e derrubam preconceitos, subtraindo poderes aos muito ricos e levando ao ridículo os sistemas de riqueza indiscriminada, latifundiária e exploradora. Contra eles se erigem valores antigos de uma nobreza rural falida e a decomposição dos poderosos, dos corruptos, dos senhores de um regime ainda hoje de bases feudais.

A tudo e a todos que ofendam o povo humilde, o anti-herói opõe sua graça, sua rebeldia, sua vingança satírica e sem violência, em nome do riso geral, da descontração, da humana picardia. Humilhando, pelo riso, os seus algozes, o anti-herói realiza uma *catarsis* reveladora do caráter e disposição de luta e resistência do povo de que é símbolo. Justamente por representar a gente simples e, em consequência os sofrimentos e mágoas das populações oprimidas é que o herói se identifica como o flagelo do Poder. Por isso, todas as formas tradicionais de poder no Nordeste são

atingidas: o político, o delegado, o padre, o fazendeiro, o militar, o demônio, o negociante etc. O ridículo a que o herói expõe essas figuras inclui até o absurdo e o fantástico. Daí porque é frequente os heróis lutarem contra dragões de sete cabeças, com sultões e reis, com hidras e serpentes, metáforas sincréticas do Poder, que, inconscientemente, vão representar os confrontos diários do povo contra a carístia, a fome, a perseguição policial, a doença, a miséria e a morte. Nessa natureza de combate permanente contra as forças do Mal, o herói pode travestir-se em príncipe, ou conselheiro real, ou guerreiro, ao passo que gigantes, dragões e monstros indescritíveis, próprio da fantasia dos trovadores, serão sempre metafóricos dos reais demônios antes referidos.

Se bem compreendemos a subvida nordestina, é fácil justificar o porquê da proliferação desses heróis. Eles são plenamente reconhecíveis no seio da massa anônima do Nordeste, daqueles eternos flagelados, assumidos na teimosia de viver, apesar de todos os contrários. O espírito picaresco, cheio de humor e malícia, disposto a rir até de si mesmo, faz parte da identidade psicológica do homem comum da região. Mesmo em fase de um meio social, geográfico e econômico adverso, este homem e este herói encontram, com impressionante disposição para lutar e resistir, as suas peculiaridades existenciais, pela contínua e insólita experiência de seu "viver a vida". Ainda que colhendo apenas as migalhas do banquete social, glosam e satirizam a realidade, restabelecendo-se como sísifos a partir do riso, pondo-se soberanamente debochados em face das dolorosas contradições do real.

A literatura de cordel tem sua maneira própria de narrar e passar ao leitor as imagens vivas do relato. Mediante linguagem facilmente apreensível, natural do público a que se destina, faz sobressair ditos e costumes, a inequívoca astúcia popular, a deliberada ambigüidade com que o herói reage às ações do meio. Amplamente identificado com as raízes de onde provem, o cordel não apenas narra as façanhas do herói, mas igualmente descreve-lhe os múltiplos aspectos de perfil psicológico, tudo com um sabor da linguagem do repente e da poesia trovadoresca.

Aí se podem distinguir e casar duas categorias literárias: a épica e a sátira. Tanto na narrativa do romance de cordel, e mais ainda no teatro de Suassuna, pratica-se um sincretismo épico-satírico, cujos contornos são notórios a partir do trajeto do herói. Na maneira como relata e dramatiza essa trajetória, o trovador ou o dramaturgo desenvolvem uma crônica de lutas, sofrimentos e angústias do povo, mostrando como as idiossincrasias do meio são absorvidas pelo herói. A forma ambígua, ora dissimulada ou incisivamente irônica do relato sempre com o propósito de levar ao ridículo pessoas ou situações de classes sociais e econômicas superiores, contém, no entanto, o germe inconformista de sátira.

A constituição heróica de João Grilo aparece-nos saudavelmente pi-

caresca, com seus trejeitos, suas tiradas verbais e suas imagens muitas vezes próximas do grotesco, formando um *corpus* de anti-heróis que a literatura de cordel incumbiu-se de popularizar. Através da feliz divulgação desse anti-herói, o cordel capta com viveza a realidade nordestina, recriando uma personagem que, garantida por fértil imaginação e fruto natural das vicissitudes do meio, vai encontrar fórmulas mágicas de existir, vencer suas mazelas e afirmar uma força coletiva, estimulada por um *pathos* frequentemente trágico e nem por isso menos ambíguo.

O anti-herói do cordel, assim, é arquétipo do homem comum do Nordeste. Suas proezas, cantadas por cegos violeiros, trovadores e repentistas nas feiras livres, ampliam a comunidade de mitos que o nordestino cria e aperfeiçoa continuamente, configurando seu expressivo e explosivo caráter psicológico. Rico no malabarismo existencial e lingüístico, nos improvisos, na argúcia provocante e maliciosa; solidário nas adversidades; ferino na crítica e soberbo nas penas e aflições comuns - daí seu lado mais picaresco, o anti-herói popular é um predestinado na conquista da glória, mesmo a mais episódica. Esta vem a ter um sentido extraordinário do ponto de vista existencial, pois aponta para o signo de pertinácia e permanência do homem comum, induzido sempre a combater males ecológicos e sócio-econômico à força de muita perseverança, obstinação e humor, conquanto diante da morte ou outros oponentes.

João Grilo é bem o representante superlativo na tipologia desse anti-herói. Mago do ilusionismo e da facécia, estilista de sabedorias, jeltoso, macio, chelo de malícia, reúne as variáveis do anti-herói popularesco do Nordeste exatamente porque sempre se mantém fiel ao espírito predominante na imensa maioria da massa anônima e miserável. Irrequieto, sutil, encarando a vida pelo plano mais lúdico e risível, Grilo arrebatava louros sobre louros arrimando-se na inteligência, na sensibilidade e numa insuperável versatilidade.

Tanto na interpretação livre do trovador João Martins de Athayde, quanto na elaborada versão de Ariano Suassuna, João Grilo aparece como o típico humilde que supera seus limites e escarnece poderes no plano social numa espécie de compensação inconsciente aos sofrimentos de seus pares. Lembrando uma colagem de anti-heróis, comuns ao meio, João Grilo reproduz sonhos, fantasias e esperanças de seu povo. Suas ações realizam, via extensão fantástica, as proezas que o comum anônimo gostaria de realizar, mas que folga em ver concebidas e postas em prática por um seu igual, ou, antes, arquétipo.

2 O JOÃO GRILLO DO CORDEL E NO AUTO DA COMPADECIDA

O mais popular folheto de cordel tendo João Grilo como herói é *Proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde, romance¹ elaborado na me-

lhor tradição do gênero. Constituído de 851 versos, distribuídos, inicialmente, nos costumesiros sextetos heptassilábicos - herança da trovadoresca ibérica - e, do meio para o fim, com estrofes de sete versos, mantendo-se o mesmo número de sílabas poéticas, narra as façanhas do picaresco herói reconhecido e amado por toda uma geração consumidora de literatura popular.

Além de Athayde, constam como autores do folheto, José Bernardo da Silva e, numa edição recente da Luzeiro, de São Paulo, João Ferreira de Lima². Também consagrado a João Grilo, existe o folheto de Antonio Pauferro da Silva, *As perguntas do rei e as respostas de João Grilo*, no melhor estilo dos desafios, onde a personagem reafirma sua condição vitoriosa respondendo às perguntas mais estapafúrdias de um extravagante monarca num castelo encantado. Sem dúvida, porém, é de João Martins de Athayde o romance que melhor trata do nosso herói, pela variedade de peripécias, pela simpatia envolvente e pelo empenho entusiasta da vitória final.

Proezas de João Grilo apresenta a tripartição convencional dos folhetos. Tem um princípio, em que o autor se dispõe a contar os feitos do herói, descrevendo-lhe as situações mais surpreendentes de origem, físico e espírito. No meio da obra, as situações vão se complicando, mas o herói consegue sair vencedor de todas as pugnias, de que resultará o final, feliz, no melhor estilo do cordel, com João Grilo rico e respeitado, conselheiro de Estado num castelo de sultão excêntrico.

Contrariando tradição corrente, *Proezas de João Grilo* não se inicia pela invocação às musas. O autor introduz diretamente a história, sem pedir licença às deusas da poesia:

João Grilo foi um cristão
que nasceu antes do dia
criou-se sem formosura
mas tinha sabedoria
e morreu depois da hora
pelas artes que fazia³

Aqui se instaura uma relação informativa direta, que integra o leitor à narrativa e alcança efeito imediato de empatia com um auditório. O leitor ouvinte é convidado ao prazer da narrativa mediante um modelo que lhe antecipa a trajetória do herói. Observe-se o caráter espetaculoso com que o autor reveste a personagem, atribuindo-lhe condições especiais de nascimento ("nasceu antes do dia") e morte ("morreu depois da hora"), ausência de beleza física ("criou-se sem formosura") e presença de dotes espirituais ("mas tinha sabedoria"). Tal caráter espetaculoso, que supre no herói as condições excepcionais para sobreviver e altera as deficiências naturais mediante recursos extras (nascido de sete meses, adiante e além do

tempo, sábio por excelência) será uma permanência no texto de João Martins de Athayde que, adiante, dará largas à imaginação e a fantasia, salientando curso livre ao herói nas terras da sabedoria, da visão irônica do mundo, do saber situar-se para além dos obstáculos.

A estrutura simples do folheto oferece a perspectiva da história em linha reta. O herói, do nascimento à morte, é um pândego das artes e manhas do interior brasileiro. Suas proezas e suas relações com os antagonistas terão nele, sempre, um vencedor, seja contra o vaqueiro, contra o padre, o professor, os ladrões, o rei (ou sultão), o duque e um outro rei. É interessante notar aqui como rei, sultão, imperador ou general significam quase sempre a mesma coisa. Não há distinções hierárquicas, políticas ou geográficas, em sentido formal, na literatura de cordel. O poder será sempre sincrético, com o caráter localizado de contrariar o estabelecido, arranhar a autoridade, fazê-la purgar-se das injustiças contra os humildes.

Associar o fenômeno da inteligência de João Grilo às condições excepcionais de tempo e espaço, visivelmente para provar o caráter igualmente excepcional de seu herói, parece tornar-se uma constante no texto:

Na noite que João nasceu
houve um eclipse na lua
detonou grande vulcão
que ainda hoje continua
naquela noite correu
um lobisomem na rua⁴.

O que quer que sirva para acentuar os caracteres de excepcionalidade de seu herói, João Martins de Athayde fará uso, asseverando que João Grilo era "pequeno, magro e sambudo/as pernas tortas e finas/a boca grande e beijudo"⁵. Mas compensa-o com dotes de sabedoria: "no sítio onde morava/dava notícia de tudo"⁶. Órfão de pai desde cedo, pescando para comer e ajudar à mãe, o herói é logo convocado pelo mundo e nele desponta como invulgar gracejador: faz o gado do vaqueiro afogar-se, faz o padre beber água num urinol, solta uma lagartixa embaixo da batina do vigário no confessionário, apossa-se do produto do roubo de um grupo de ladrões e parte para o estrangeiro⁷ em busca de novas aventuras e emoções.

No confronto com a realidade, o herói se depara com problemas e desafios os mais diversos. A tudo vence, como vence a falta de recursos materiais, a pobreza, a miséria e a fome, utilizando-se das malhas do engodo, do gracejo, da astúcia. Para salvar-se da miséria, por exemplo, Grilo, em cima de uma árvore, ouve um grupo de ladrões e descobre onde será repartido o produto do roubo. Fantasiado de "alma do outro mundo", o

ta do enigma proposto a Lopo e que seja uma resposta direta e arrevesada:

Pergunto: qual o animal
que mostra mais rapidez
que anda de quatro pés
de manhã por sua vez
ao meio dia com dois
passando disto depois
à tarde anda com três?

O Grilo disse: é o homem
que se arrasta pelo chão
no tempo que engatinha
depois toma posição
anda em pé bem seguro
mas quando fica maduro
faz três pés com o bastão⁸

rias perguntas. As perguntas são formuladas de forma oblíqua e mesmo

obscuras, para confundir o herói e condená-lo à morte, mas a cultura simples e arisca de base nordestina insufla no herói sua libertação, coroando tudo com um notável - traço de ardl e humor. Como a vitória de Grilo representa a vitória do povo, o trovador realça a conquista do herói com os louros épicos do triunfo tribal. A forma engraçada de cada resposta, o herói acrescenta sua visão de mundo, suas observações irônicas sobre a realidade, os homens, os sentimentos, num ritmo de coco, ao galope do improviso:

João lhe disse esse objeto
nem é manso nem é brabo
nem é grande nem é pequeno
nem é santo nem é diabo
bem que mamãe me dizia
que eu ainda caía
onde a porca torce o rabo⁹

O anti-herói repete ditos populares, acrescentando-lhe humor malicioso e põe-se a salvo dos truques do Poder. Muitas vezes, escorrega no jargão palavroso ou no baixo calão, aliás, familiares ao leitor. Para identificar situações adversas, para conceituar certas pressões da sociedade feudal onde vive, para reagir e responder aos desafios, o ressentimento irônico, sarcástico ou grotesco do herói se nutre das mesmas e pequenas quizilas presentes nos estereótipos nordestinos. Na estrofe a seguir, para fugir ao cerco de uma pergunta feita obliquamente, João Grilo parece desesperar-se. Obliquamente também acerta na resposta.

Minha mãe profetizou
que o futuro é minha perda;
Dessas adivinhações
brevemente você herda;
faz de conta que já vi
como esta hoje aqui
parece que dá em merda¹⁰

No fim, o que resta é a glória definitiva do herói. Seu lugar é entre reis e sultões, duques e princesas, no seio da aristocracia e gozando de fatura, pois sua inteligência é maior do que toda formosura, riqueza ou sangue azul. O anti-herói na literatura de cordel sempre assume um lugar de relevo no final da história, resultado de uma ideologia paternalista da arte popular, que reserva aos seus heróis compensações para o sofrimento. Isso em parte atenua o choque de classes, evidenciando um surto glorioso de heroísmo bronco, mesmo o pícaro, contra os algozes do po-

vo. Dessa forma, o conflito, não raro, se adia ou ameniza pela não-violência. As raízes profundamente místicas do homem nordestino induzem as ações do herói e praticamente impulsionam o seu caráter determinado na direção de uma passividade maniqueísta e visionária do bem e do mal. O acúmulo de energia mística gera um temperamento estático e impede o choque que esse homem provocaria, caso percebesse criticamente a alienação social em que está mergulhado.

Todavia, ao identificar-se com o espírito humilde da gente, o anti-herói popular não admite as injustiças muito explícitas. No romance de João Martins de Athayde, há uma passagem que demonstra coerência nesse ponto, quando Grilo assume a defesa de um pobre mendigo acusado de furto por um poderoso duque. O motivo da acusação, pinçado de sarcasmo, vem relatado pelo próprio acusado:

- Como a comida cheirava
eu tive apetite nela
tirei um taco de pão
e marchei pro lado dela
e sem pensar na desgraça
botei o pão na fumaça
que saía da panela

O cozinheiro zangou-se
chamou logo o seu senhor
dizendo que eu roubara
da comida o seu sabor
só por eu ter colocado
um taco de pão mirrado
aproveitando o vapor¹¹

A forma como João Grilo resolve a questão demonstra que a perseguição aos humildes não passa despercebida à trovadoresca do cordel, cuja sátira responde às inquietações do homem comum pelo látigo da maldícia, da picardia, da malandragem. Colocando algumas moedas de ouro no caneco do mendigo, Grilo manda que este sacuda o dinheiro bem na face e nos ouvidos do duque. O dinheiro tilinta aos ouvidos do acusador e João Grilo, conselheiro real, dá por encerrados a demanda e o julgamento, com a absolvição do réu. Sob protestos do duque, Grilo responde com um primor de argúcia e sabedoria. Se o mendigo tinha de pagar por ter usado o vapor da comida, cumpria-se a pena apenas com o tilintar do dinheiro aos ouvidos do aristocrata, pois ambas as situações se baseavam na sugestão.

Por fim, a glorificação do anti-herói popular é resultado frequente a

que chega a literatura de cordel. O trovador alude continuamente às qualidades do herói, mostrando-o como modelo de sabedoria e graça, malícia e sensibilidade. Glorificar o herói significa, no cordel, defender sua perpetuidade vivencial, descontraída e mítica, preservando uma manifestação cultural das mais autênticas e marcantes. Significa, também, reunir suas vitórias numa síntese de experiências, valores e expectativas imprescindíveis à psicologia social do homem nordestino. Tais valores, expectativas e experiências estão hoje seriamente ameaçados de perecimento em razão da presença avassaladora da mídia eletrônica, que subjuga e inverte características regionais igualizando tudo num só bloco, o que pode representar, por pior, perda nas linguagens e na cultura autóctones.

Certamente por perceber tal ameaça, é que alguns artistas mais conscientes e sensíveis tentam um resgate original de equipamentos da cultura popular, em forma recriadora. A transposição do herói picaresco João Grilo para o teatro notabiliza uma decisiva contribuição de Ariano Suassuna no sentido da revitalização e para assegurar a perenidade das raízes culturais do Nordeste. Intimamente familiarizado com o cordel e seus poetas, Suassuna consegue transpor para o teatro, com o *Auto da Compadecida*, um João Grilo genuíno e renovado, em vida e *post-mortem*, guardando todo o encanto original do cordel e sintetizando-o a partir de outros anti-heróis. No *Auto*, João Grilo assume o núcleo das ações e em torno dele se constroem as cenas mais notáveis engendradas pelo teatro popular no signo da modernidade brasileira. Todo um conjunto de interpretações da realidade nordestina, em hábitos, costumes, linguagem, mística religiosa, vem armado na peça, mantendo-se nos diálogos o sabor poético e prosódico da região, realçando-se a picaresca sem ressaibos da civilização urbana.

Guardando influências do teatro de Gil Vicente e da tradição trovadoresca ibérica, incorporando a dicotomia idealismo-pragmatismo que remonta ao Quixote-Sancho, eixo fundamental bebido em Cervantes para a dupla Grilo-Chicó, ou Chicó-Grilo, o *Auto da Compadecida* salienta-se por ser um teatro épico e ético, bem ao gosto da épica expressionista e, ao mesmo tempo, católica, sem qualquer débito com Claudel, evidentemente. Próximo e tributário do cordel, tido por seu principal modelo, o texto de Suassuna assimila o valor dessa influência, mantendo seu espírito coletivista, embora com uma marca prevalente de autonomia criativa.

O *Auto da Compadecida* aproveita o cômico, o satírico e o pitoresco do folheto *O enterro do cachorro*, de autor anônimo, recolhido pelo estudioso Leonardo Mota. Trata-se da história de um inglês que pretendeu enterrear o seu cachorro com encomendação da alma e missa em latim. Na peça, o inglês foi substituído pelo padeiro e por sua mulher. Também aproveitado como assunto, o folheto *História do cavalo que defecava dinheiro*, de autor anônimo e igualmente recolhido por Leonardo Mota, fala de um Du-

que que é o "compadre pobre" - herói sagaz, picaresco e quengo. Esse Duque, na peça de Suassuna, vem a ser João Grilo: empregado pobre da padaria, ágil, sagaz, malicioso e conversador. A *História do cavalo que defecava dinheiro* narra a sabedoria do nordestino que coloca algumas moedas no ânus de um cavalo e vende o animal como raridade e riqueza, porque supostamente defecava moedas de ouro. Do aproveitamento dos dois folhetos e, mais, de alguns motivos de *O castigo da soberba*, também de autoria anônima, Suassuna armou seu *Auto* com um mundo intenso de graça, verossimilhança e uma malícia quase missionária.

Utilizando as celebradas e obrigatórias figuras do mundo nordestino, representadas basicamente pela burguesia urbana (o padeiro e a mulher), o clero (o bispo e o padre), a autoridade (major Antonio Moraes), a plebe (Grilo e Chicó), a vida marginal (o cangaceiro) e a mística católica (o Encourado, o Demônio, Manuel e a Compadecida), a peça acrescenta ainda à cosmogonia nordestina a reflexão popular de como deveria ser o catolicismo: simples, misericordioso, amigo dos pobres, defensor dos desvalidos. Assim, Cristo aparece na história como Manuel e é negro; e a Virgem Maria é a Compadecida, advogada dos penitentes, em causa pela misericórdia divina. Já o Diabo é o Encourado, embuçado em capas de couro de carneiro, figura bastante identificada com o espírito popular.

O anti-herói de Suassuna é, na verdade, recriação de personagens reais e aquelas recolhidas do mundo fantástico e complexo do romancista nordestino. As peculiaridades reais correm por conta dos muitos tipos que, em carne e osso, tanto se aproximam das figuras imaginárias do mundo poético e mítico do Nordeste. O herói será sempre um pouco astuto, um tanto mau-caráter, virador da vida, armando espertezas para sobreviver, irmão do Malasartes, do Pedro quengo, do Mateus, do Bastião.

A partir desse reconhecimento (de que João Grilo é a soma de heróis picarescos, reais ou inventados), é fácil enxergar no anti-herói de Suassuna a característica humana nordestina em sua origem e substância, nos mitos, ideologias, preconceitos, religiosidade, reações ante o Poder etc. O *Auto da Compadecida* manterá incólume a figura desse herói, tanto no perfil físico e psicológico, quanto na *mimesis* humana ou na filosofia existencial. A peça, em dois atos, é, na realidade, uma elegia ao espírito determinado do herói, pois evidencia-o em seu sentimento cristão mais brando e um não-conformismo obstinado e lúdico e o sentido mais justo e humano para com os simples.

A arquitetura teatral se casa com perfeição aos efeitos que a peça aproveita e comunica. A força poética tanto reside na simplicidade de um catolicismo cristão nela advogado, como nos encantos do ardiloso protagonista. Aliando espontaneidade ao sentido mais elaborado ou erudito do texto, o *Auto da Compadecida* transcende os rigores de uma categoria única, já que seus recursos expressivos freqüentam a soma de várias categorias

estéticas e culturais, misturando o sagrado ao profano e extraindo elementos dramáticos e histriônicos de invulgar qualidade. Entretanto, o que mais impressiona, sem dúvida, é a construção definitiva do João Grilo, um anti-herói renovado e sutil, inocente e debochado, capaz de enganar, ele só, a todos os seus antagonistas e revelar-se uma espécie alegórica do "beau sauvage" urbano encantando ao próprio Salvador. A força primitiva do texto como que inverte os movimentos da sociedade retrógrada, ao expulsar a hipocrisia das relações humanas e místicas, exaltando como valores eternos a simplicidade e a generosidade populares.

Ao desenvolver uma temática a um tempo complexa e harmônica como essa da junção de heróis populares nordestinos lutando por um mundo justo, Suassuna parece movido por uma certa e deliberada complacência para com os oprimidos, chegando a uma depuração dos modelos convencionais de poder, seja este eclesiástico, político ou econômico. A peça denuncia as diversas formas tirânicas de administração e as imposturas sociais, carregando nas tintas dos usos e vezos do Poder que consagra os corruptos e os venais e penaliza os puros e os ingênuos. Toda forma de poder, enfim, é posta em ridículo pela arma corrosiva da sátira e do humor mais desabrido, encarnados em João Grilo. A astúcia simplória, a ingenuidade e pureza e a desambição são premiadas catarticamente no texto de Suassuna, pois, aos olhos e coração divinos, na mística católica em que se inscreve o autor, são virtudes vistas como signo de espessamento dos conflitos sociais e espirituais. O Cristo negro perdoa o ar ingenuamente insolente e até preconceituoso de Grilo, porque o entende em sua definitiva pureza. Mesmo quando repreende o anti-herói, na cena do julgamento, sempre o fará com brandura e uma doce ironia:

- Deixe de chicana, João, você pensa que isso aqui é o palácio da justiça?¹²

Brandura e ironia que refletem o fundo sentir e pensar nordestino, ou, antes, pensar e sentir da gente oprimida, em qualquer latitude, que manifesta seus temores e desconfianças ante a lerdeza, burocracia e confusão, quando não venalidade, na aplicação da justiça. O *Auto da Compadecida* restaura assim a confiança popular no verdadeiro espírito cristão, simples, doce, fraterno e não nas formas estereotipadas e frequentemente grosseiras da manifestação pública, seja secular ou eclesiástica. Mesmo os preconceitos expressos por Grilo, como o de ver o Cristo negro, por exemplo - "não é lhe faltando com respeito, não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado"¹³ - terminam perdoados, como perdoados ou atenuados *sub judice* no Purgatório serão os pecados dos homens através da misericórdia, particularmente via doçura, suavidade e compreensão das fraquezas humanas expressas pela advogada dos pecadores, a Compadecida.

Figurando herói da mundividência nordestina, Ariano Suassuna atualiza e fixa definitivamente a cultura literária de base popular, contribuindo

temática e literariamente para o aprofundamento de nossa compreensão da vida brasileira. Seus objetivos parecem inscritos na fala do Palhaço, no começo do espetáculo: "Ao escrever esta peça, onde combate o mundano, praga de sua Igreja, o autor quis ser representado por um palhaço, para indicar que sabe, mais do que ninguém que sua alma é um velho catre, cheio de insensatez e de solércia".¹⁴

Sabe o autor, talvez, do senso de provisoriedade que poderia permeiar o seu trabalho enquanto tema, e assim se auto-atribui pouca competência para abordar complexidades sem ser, ou parecer complexo. Resulta sua peça, todavia, num recurso expressionista em que ressalta o *pathos* humano ferido de contradições e descaminhos, estes que só poderão resgatar a alma humana pela variante do riso franco, do humor fraterno e profundamente humanista, servidos, em última análise, pelas graças de um ardiloso e multifário anti-herói. Como o João Grilo, por exemplo.

NOTAS

1. Romance é uma composição mais elaborada de cordel, geralmente contendo histórias de desafios, pelejas, guerras, disputas, com amor e morte, heróis e heroínas. Apresenta, portanto, um maior número de estrofes e, é claro, de páginas.
2. José Bernardo da Silva foi editor proprietário dos direitos autorais das obras do também poeta editor João Martins de Athayde, que as adquiriu a Leandro Gomes de Barros. Presume-se que Athayde seja o verdadeiro autor das *Proezas de João Grilo* e que, em face da aquisição dos direitos de edição confundidos com os de propriedade autoral, a obra se tenha passado a José Bernardo e, por provável, a João Ferreira de Lima.
3. *Proezas de João Grilo*, p. 1.
4. Op. cit., loc. cit.
5. Op. cit., loc. cit.
6. Op. cit., loc. cit.
7. *Estrangeiro* é todo lugar fora do espaço geográfico do Nordeste. É curiosa a visão de estrangeiro para o cordel. Corporifica o desejo de vitória em terras estranhas e retorno à terra natal com os louros das conquistas.
8. *Proezas de João Grilo*, p. 18.
9. Op. cit., p. 23.
10. Op. cit., p. 24.
11. Op. cit., p. 25-6.
12. Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*, p. 162.
13. Op. cit., p. 148.
14. Op. cit., p. 23.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHAYDE, João Martins de. *Proezas de João Grilo*. Juazeiro do Norte, CE: Tip. S. Francisco, 1977. 32p.
- LIMA, João Ferreira de. *Proezas de João Grilo*. São Paulo: Luzeiro, 1979. 32p.
- SILVA, José Bernardo da. *Proeza de João Grilo*. Juazeiro do Norte, CE: Tip. S. Francisco, 1977. Como indicação de propriedade: Filhas de José Bernardo da Silva.
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 10.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973. 20 3p.